



SUPERINTENDÊNCIA  
DA ZONA FRANCA DE MANAUS

[www.suframa.gov.br](http://www.suframa.gov.br)

# Clipping Local e Nacional On-line

Nesta edição **2 matérias**

Coordenação Geral de Comunicação Social - CGCOM

Manaus, sábado, 23 de abril de 2011

O ESTADO DE SÃO PAULO

Custo alto da energia tira indústrias do Brasil ..... 1  
VEICULAÇÃO NACIONAL

O GLOBO

Brasil tipo inovação..... 2  
VEICULAÇÃO NACIONAL

	VEÍCULO O ESTADO DE SÃO PAULO	EDITORIA	
	TÍTULO <b>Custo alto da energia tira indústrias do Brasil</b>		
ORIGEM INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO	ENFOQUE DE INTERESSE	VEICULAÇÃO NACIONAL	

O alto custo da energia elétrica, a invasão de produtos chineses e os incentivos tributários dados por outros países estão deixando o Brasil em segundo plano na rota de investimentos de multinacionais. O movimento é mais forte nos setores eletrointensivos, em que o custo da energia é um dos principais itens do preço final, como alumínio, siderurgia, papel e petroquímico. No caso do alumínio, a situação é a mais crítica. A Novelis fechou sua fábrica em Aratu (BA) e deve migrar para o Paraguai.

#### Energia cara tira indústrias do Brasil

Multinacionais reclamam também dos tributos e da concorrência chinesa e preferem investir em outros países, como o Uruguai

#### Karla Mendes / BRASÍLIA - O Estado de S.Paulo

O alto custo da energia elétrica, a invasão de produtos chineses e os incentivos tributários concedidos por outros países estão deixando o Brasil em segundo plano na rota de investimentos de empresas multinacionais.

Estudo feito pelo Estado, com fontes do mercado, mostra que fábricas de setores eletrointensivos - em que o custo da energia é um dos principais componentes no preço final do produto, como alumínio, siderurgia, petroquímico e papel e celulose - estão fechando unidades no País ou migrando para outros locais por causa da perda de competitividade no mercado brasileiro.

Nesse contexto, enquadram-se pelo menos sete companhias. A Rio Tinto Alcan está em negociações "avançadas" para instalar a maior fábrica de alumínio do mundo no Paraguai, com investimentos entre US\$ 3,5 bilhões e US\$ 4 bilhões para produzir 674 mil toneladas de alumínio por ano. A Braskem vai inaugurar unidade de soda cáustica no México e faz prospecção em outros países, como Peru e Estados Unidos.

A Stora Enso, que abrirá em breve fábrica de celulose no Uruguai, admite que, apesar de a produtividade brasileira ser o dobro, essa vantagem é "desperdiçada" pela incidência de impostos. No caso da produção de papel, o preço do produto fabricado no Paraná é mais alto que os similares feitos no exterior.

A siderúrgica Gerdau Usiba, na região metropolitana de Salvador (BA), esteve paralisada por causa do alto custo da energia. A Valesul Alumínio, em Santa Cruz (RJ), também ficou fechada pelo mesmo motivo.

Nesse setor, aliás, a situação é crítica. A Novelis fechou fábrica em Aratu (BA) e, segundo fontes, pode migrar para o Paraguai. A Companhia Brasileira de Alumínio (CBA), do Grupo Votorantim, está prestes a abrir filial em Trinidad e Tobago.

Importação. Nesse segmento, a avalanche de produtos chineses é outra ameaça. A importação de alumínio chinês, que até 2009 ficou num patamar de 17 mil toneladas, saltou para 77 mil toneladas em 2010, que é o nível mínimo projetado para 2011, de acordo com Eduardo Spalding, coordenador da Comissão de Energia da Associação Brasileira do Alumínio (Abal). "A China, daqui a dez anos, vai ter produção de alumínio igual à do resto do mundo todo somado", adverte.

Outra agravante, segundo ele, é a importação de produtos acabados, sem possibilidade de agregar valor à mercadoria no País. Nesse ritmo, avalia Spalding, o Brasil passará da condição de exportador para importador de alumínio em 2012.

"No Brasil, se nada for feito, o risco é de o setor sumir. Temos vários exemplos de países em que a indústria do alumínio fechou em dois anos. Há mais de 25 anos, nenhuma nova fábrica se instala no Brasil. O que tivemos foi expansão das já existentes e, mesmo assim, parou tudo", diz Spalding.

	VEÍCULO O GLOBO	EDITORIA	
	TÍTULO <b>Brasil tipo inovação</b>		
ORIGEM INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO	ENFOQUE DE INTERESSE	VEICULAÇÃO NACIONAL	

**País vira polo de pesquisa para criação de produtos e serviços de multinacionais. Setor deve levar R\$17 bi no ano**

**Bruno Rosa**

O ritmo consistente do crescimento da economia brasileira está cada vez mais atraindo empresas estrangeiras, que, de olho na expansão da classe média, têm planos que vão além de novas fábricas: incluem a criação de polos para desenvolver produtos e serviços. A nova estratégia, comemorada por especialistas, envolve segmentos como os de telecomunicações, cosméticos, computadores e petróleo. Segundo dados de empresas e da Secretaria Nacional de **Desenvolvimento Tecnológico e Inovação**, do **Ministério** da Ciência e Tecnologia (MCT), foram destinados para a criação de centros e laboratórios R\$14 bilhões em 2010, número que deverá subir para R\$17 bilhões este ano - alta de 21%. Do valor, boa parte é de multinacionais, dizem especialistas.

No radar dos conglomerados internacionais estão, principalmente, São Paulo e Rio de Janeiro. Hoje, dizem analistas, o setor de óleo e gás é o que consome a maior parte dos recursos. Mas o cenário começa a mudar. A francesa L'Oréal, que está dobrando o seu centro de pesquisa, no Rio, pretende ainda criar um novo espaço. Além de IBM, GE, Volvo Aero, Intel, Clariant e Beaurau Veritas, a americana Dell pretende acertar até junho a construção de uma unidade de **desenvolvimento** em São Paulo (SP), que será a primeira da América Latina. A espanhola Telefónica também investe milhões de euros em SP.

Luciano Almeida, presidente da Investe São Paulo, agência de captação de investimentos, diz que o movimento de companhias estrangeiras é **importante** para estimular as nacionais, sobretudo, as pequenas e médias empresas.

- É preciso que a inovação entre na cultura das empresas brasileiras. Os estrangeiros já têm essa política e estão contratando pesquisadores do **Brasil** para entender a lógica nacional - diz Almeida, lembrando que está em conversa com dez empresas, como a Foxconn desde abril do ano passado.

No Rio, o Parque Tecnológico da Ilha do Fundão, que já tem 80% do espaço ocupado, contabiliza investimentos de R\$760 milhões, a maior parte de estrangeiros dos setores de petróleo e tecnologia. Agora, vai receber mais R\$150 milhões. Quatro companhias - Vallourec & Mannesmann, EMC, BG e Siemens - disputam os últimos três espaços existentes.

- Hoje, a maior parte é voltada para o setor de óleo e gás porque é a vocação do Rio. Mas estamos em um esforço de diversificação. O Rio vai precisar de mais **desenvolvimento** e inovação. Temos de aproveitar o atual momento e agregar inteligência - diz Renata Cavalcante, subsecretária de **Desenvolvimento Econômico** do Rio.

Pierre-Emmanuel Angeloglou, diretor-**Superintendente** da divisão de Produtos de Grande Público da L'Oréal, diz que, para se adequar ao crescimento do Brasil, é preciso adequar o tamanho do centro de inovações.

- As criações feitas no **Brasil** são levadas para o mundo. Hoje, vários produtos desenvolvidos no **Brasil** são **exportados** para o exterior - afirma Angeloglou.

Segundo o executivo, a gigante francesa de cosméticos está expandindo o seu centro de pesquisas, que hoje fica em sua fábrica no Jardim América, no Rio. A curto prazo, a meta inicial é dobrar o atual tamanho. A médio e longo prazos, o objetivo é criar um espaço específico. Fontes do setor falam que a companhia avalia a Ilha do Fundão, onde seria possível criar

sinergias com a Escola de Medicina e o Centro de Dermatologia da UFRJ.

- No centro, os cientistas desenvolvem as fórmulas. O espaço conta ainda com uma espécie de minifábrica, onde são produzidos os novos produtos, que irão passar por testes antes de chegarem ao **mercado**. Só depois é oficializada a fórmula. O **Brasil** ganha cada vez mais força - detalha o francês Angeloglou.

A espanhola Telefônica, dona da Vivo, também investe. Benedito Fayana, diretor de Planejamento de Rede e Inovação, lembra que o novo centro, em São Paulo, contará ainda com uma área, que será voltada para a excelência em vídeos. As inovações que forem desenvolvidas serão aplicadas em todo o mundo.

#### **Contratação de cientistas cresce**

- É o primeiro centro fora da Espanha. O centro traz ainda benefícios para as empresas locais. Uma delas vai desenvolver trabalhos para a Telefônica em todo o mundo. Inovação serve como pilar para o atual crescimento.

A americana Whirlpool, dona da Brastemp e da Consul, que já conta com 18 laboratórios e três centros mundiais de competência no Brasil, quer ampliar o investimento.

- A contratação de cientistas cresce 25% ao ano desde 2007. O investimento em inovação no **Brasil** é o que mais avança no mundo, e a tendência é se tornar um dos maiores. Em cinco anos, dobramos os investimentos - ressalta Rogério Martins, vice-presidente de **Desenvolvimento** da Whirlpool na América Latina.

O asiáticos também vêm ganhando destaque. Semana passada, a Huawei anunciou US\$350 milhões para um novo centro em Campinas. O mesmo fez a ZTE, que vai destinar US\$200 milhões em um inédito polo. E, na semana passada, o governo brasileiro anunciou que a taiwanesa Foxconn, maior **exportadora** da China, fabricante dos produtos Apple, pretende abrir um centro de tecnologia no país, além de uma nova unidade, num investimento total de US\$12 bilhões.